

A RELAÇÃO SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO EM SAUSSURE

Raquel Basílio da Cunha¹

raquel.basilio@gmail.com

RESUMO: Este artigo discutirá a relação entre significante e significado a partir das notas escritas por Ferdinand de Saussure antes de 1900 e as notas preparatórias para os Cursos de Lingüística Geral. Verificaremos nesta relação como a idéia de valor apresenta um ponto de vista adequado para se abordar o sistema lingüístico conforme desenvolvido por Saussure e, conseqüentemente pensar a relação língua e sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: significante; significado; valor; sujeito.

UM BALÃO NO AR

Com o objetivo de discernir a questão fundamental deste artigo – relação entre significante e significado – deveremos partir da noção de signo que nos conduzirá conseqüentemente à questão dos valores do sistema lingüístico e do sujeito.

O signo é um conceito freqüentemente revisto nas teorias lingüísticas. O termo *signo*, que designa a face fonológica da linguagem, pertence a uma antiga tradição metafísica que vigorava nos séculos XVII e XVIII. Mas, será principalmente após a apresentação feita por F. de Saussure do par famoso, *significante/significado*, que as discussões em torno do *signo* serão mais freqüentes.

Signo é empregado por Saussure, ao longo das aulas ministradas em Genebra entre 1907 e 1911, o que compreende três cursos sobre Lingüística Geral, e seus escritos, que incluem notas de aula e escritos para um futuro livro jamais escrito, em duas acepções: como entidade lingüística global, composta de uma face fonológica e outra conceitual; e como designando apenas a face fonológica desta entidade. A razão desta dupla acepção reside numa tradição que usa o termo signo das duas maneiras explicitadas.

¹ Doutoranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da professora Dra. Mônica Nóbrega.

Apesar de se existir o termo signo, há uma inquietude do mestre genebrino que parece não satisfeito com termo conhecido,

“ele está convencido de que qualquer palavra escolhida para denominar a parte significante da entidade global composta de uma face fonológica e de uma face semântica está naturalmente sujeita a um deslizamento, tendendo infalivelmente a se referir à entidade global” (BOUQUET, 2004, p. 229).

Em notas escritas por Saussure é possível ver claramente como ele estava preocupado com a impossibilidade de obter termos adequados. O professor numa longa nota discutindo a questão disse: “mostrar que *termo* tem sido tão incapaz quanto *signo* de guardar um sentido material ou inversamente. [...]. Nesta questão difícil de adoção de uma palavra que deturpa mais ou menos” (SAUSSURE in BOUQUET e ENGLER, 2002, p. 96). Dessa forma, vemos que o signo saussuriano é um conceito “escorregadio”, como cita Bouquet (2004). Ao realizar a aula de 2 de maio de 1911, época do último curso, ao desenvolver a idéia de arbitrário, ainda há certa confusão entre os alunos no entendimento do termo *signo*:

Uma questão que confessamos não conseguir resolver é chegar a um entendimento neste ponto: chamaremos de signo o total, a combinação do conceito com a imagem [acústica]? Ou a própria imagem acústica [...] pode-se chamar signo? [...] Seria preciso dispor de duas diferentes palavras. Nós faremos o possível para evitar as confusões, que poderiam ser muito graves. (SAUSSURE apud BOUQUET idem)

Será apenas na aula de 19 de maio de 1911, no seu último curso, que Saussure introduzirá o par *significante/significado*. A intenção era de desfazer dúvidas deixadas na aula de 2 de maio do mesmo ano, quando o genebrino fala do *princípio da arbitrariedade do signo*. A partir de então, Saussure usará com mais frequência o termo *signo* para designar a entidade global composta de significante e significado, ou seja, a partir desse instante o signo saussuriano será caracterizado pela associação entre um significante e um significado.

Porém, dizer que o signo é significante e significado não nos diz tudo sobre a natureza do signo. Saussure acreditava ser muito importante para os estudos lingüístico compreender a natureza do signo. Ele nos diz:

O *signo*, *soma*, *sema*, etc. Só se pode, verdadeiramente, dominar o signo, segui-lo como um balão no ar, com certeza de reavê-lo, depois de entender completamente a sua natureza, natureza dupla que não consiste nem no envoltório e também não no espírito, no ar hidrogênio que insufla e que nada

valeria sem o envoltório. O balão é o *sema* e o envoltório o *soma*, mas isso está longe da concepção que diz que o envoltório é o *signo*, e o hidrogênio a *significação*, sendo que o *balão*, por sua vez, nada é. Ele é tudo para o aerosteiro, assim como o *sema* é tudo para o lingüista. (SAUSSURE, 2002, p. 102-103).

Segundo as palavras do professor, a sua natureza não está nem na forma, nem na idéia. Aqui o professor denomina o signo de *sema* e a forma, ou o significante, de *soma*, o que demonstra claramente a dificuldade de denominar o signo. A metáfora do balão no ar demonstra como o conceito de signo é escorregadio, ou difícil de apreender. O signo é um balão no ar, e este “por sua vez, nada é”. Para ele, mesmo ao dominar o signo, ou seja, ao compreender a sua natureza, o lingüista só pode segui-lo como um aerosteiro segue um balão no ar, que só pode reavê-lo em terra, quando o balão deixa de ser. Como podemos seguir este balão no ar?

1. SEGUINDO O BALÃO NO AR

Primeiramente a metáfora que vimos sobre o signo comparado ao balão no ar nos apresenta a preocupação de Saussure em identificar a natureza dupla do signo. Mas, ao definir isto, ele diz: “natureza dupla que não consiste nem no envoltório e também não no espírito, no ar hidrogênio que insufla e que nada valeria sem o envoltório” (idem). A natureza do signo é dupla, mas em que consiste esta duplicidade? Um significante está irremediavelmente “colado” a um significado que lhe é correspondente?

Tal idéia retomaria a questão antes postulada por Aristóteles de uma língua como nomenclatura, uma lista de termos que correspondem a uma lista de coisas na realidade. Apesar de retirar uma referência direta a realidade, a idéia nuclear de Aristóteles ainda estaria presente na reflexão saussuriana.

Em escritos sobre a semiologia, o professor critica claramente os filósofos que fazem pensar que a linguagem poderia ser uma nomenclatura:

Três coisas estão invariavelmente ausentes do dado que um filósofo acredita ser o da linguagem. Em primeiro lugar, a verdade, em que nem mesmo insistimos, de que o âmago da linguagem não é constituída de nomes [...] Mas existe, implicitamente, uma tendência, que não podemos nem deixar passar, a respeito do que seria, em definitivo a linguagem: a saber, uma nomenclatura de objetos. *Antes*, o objeto, depois o signo; portanto (o negaremos sempre) base exterior dada ao signo e representação da linguagem por essa relação:

$$\text{Objetos} \left\{ \begin{array}{l} * - a \\ * - b \\ * - c \end{array} \right\} \text{Nomes}$$

Enquanto a verdadeira representação é: $a - b - c$, fora de qualquer relação efetiva como $* - a$, baseada em um objeto. Se um objeto pudesse, onde quer que seja, ser o termo sobre o qual é fixado o signo, a lingüística deixaria instantaneamente de ser o que ela é, do topo até a base (SAUSSURE, 2002, p. 197-198).

A citação acima deixa-nos observar claramente o repúdio do estudioso à idéia de uma língua como nomenclatura. Saussure retira de modo radical a referência a uma realidade. A língua da reflexão saussuriana não é um espelho da realidade, nem mesmo um espelho opaco do mundo das idéias.

A questão que ainda existe é: as duas faces que compõe o signo lingüístico não estariam irremediavelmente “coladas”?

A noção de arbitrariedade nos permite responder que um significante não está “colado” a um significado correspondente. Isso porque não há razões para tal união, ela é sempre imotivada, mesmo quando Saussure fala de uma arbitrariedade relativa, ela é relativa a outro signo que é absolutamente arbitrário. O exemplo fornecido na edição de 1916 é da palavra *dezenove*, motivada por *dez* e *nove* que por sua vez são absolutamente imotivadas (SAUSSURE, 1996, p. 152-153).

Em conseqüência ao princípio de arbitrariedade, podemos dizer que um signo pode desfazer a sua união, que um significante pode unir-se a outro significado qualquer, reciprocamente. Dessa forma a união que resulta num signo não é eterna, um significante não está colado a um significado, isso permite que uma língua se transforme, permite a variabilidade de sons e sentidos.

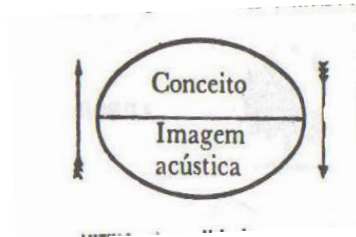
Como não há razões explicáveis para um significante unir-se a um significado, podemos pensar se esta relação ocorre quando um significante é proporcional a um determinado significado. O gráfico comumente conhecido de Saussure a respeito do signo nos ajuda a responder a questão. Vejamos o gráfico do professor:

idéia
—
som

(SAUSSURE, 2002, p. 249).

Este esquema foi esboçado por Saussure nas suas notas preparatórias para os cursos de Lingüística Geral. O gráfico mais famoso do signo saussuriano está na edição de 1916 de uma forma um pouco diferente desta que podemos ver acima. Nele podemos

perceber que não há as duas setas em sentidos opostos indicando uma relação talvez de reciprocidade ou de proporcionalidade como na edição de 1916. Vejamos o esquema:



(SAUSSURE, 1996, p. 80).

As setas nessa imagem permitem-nos a leitura de que o conceito (significado) e a imagem acústica (significante) são correspondentes, proporcionais, um irremediavelmente atrelado ao outro, numa dicotomia. Não apenas as setas, mas a cela que encerra o signo faz brotar a idéia de unidade fechada. Porém os escritos saussurianos deixam ver algo que está apenas sutilmente colocado na edição de 1916 através da questão do valor lingüístico, ou seja, a natureza dessa relação.

2. O BALÃO EM TERRA

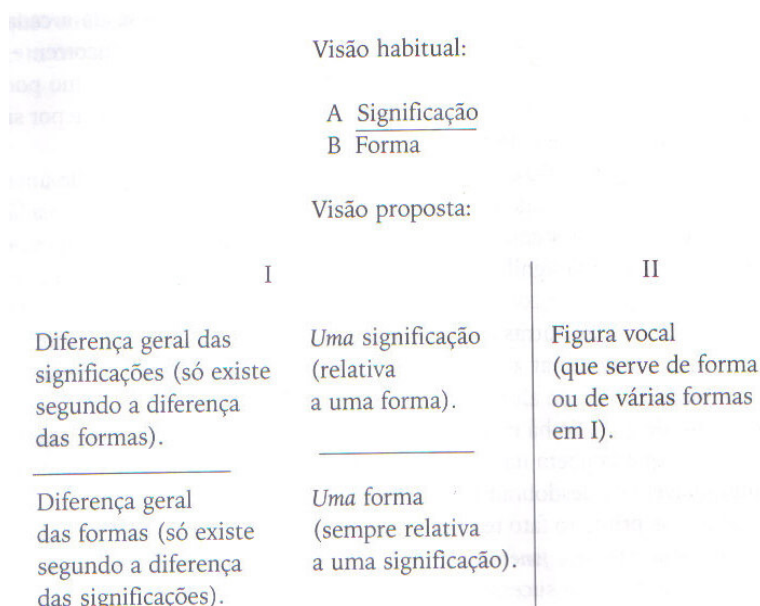
A diferença essencial de um balão em terra para um balão no ar é que em terra o aerosteiro pode dissecá-lo, como um corpo sem vida. Para entender a natureza dessa relação entre significantes e significados, devemos dissecar o signo, como um balão sem vida. Saussure, porém, nos adverte: “Mas há, entretanto, o perigo de que um cadáver continua coisa organizada em sua anatomia, enquanto que, na palavra, anatomia e fisiologia se confundem por causa do princípio da convencionalidade” (SAUSSURE in BOUQUET; ENGLER, 2002, p.96). O professor refere-se ao princípio da arbitrariedade que coloca a natureza do signo na sua fisiologia, ou seja, no seu funcionamento que se confunde com o que ele é: sua anatomia.

Primeiramente vamos entender essa relação e depois nos deteremos em o que faz essa relação, o que coloca este balão no ar.

Em seus escritos sobre a essência dupla da linguagem, Saussure nos aponta uma resposta:

Supõe-se que existem termos *duplos* que comportam uma forma, um corpo, um ser fonético – e uma significação, uma idéia, um ser, uma coisa espiritual.

Dizemos, antes de tudo, que a *forma* é a mesma coisa que a *significação*. E que esse ser é quádruplo.



(SAUSSURE, 2002, p. 42).

Este gráfico que Saussure constrói em suas notas nos apresenta a negação de que a natureza dupla da linguagem se resumisse a dois termos, significação e forma. A “visão habitual”, como ele diz, é a união de uma forma e uma idéia, mas ele rompe com este conceito estóico ao propor algo a mais, a diferença. Saussure, conhecido pelo desenho do signo, o coloca, mas apenas para negá-lo, para dizer que há algo distinto, som e sentido, mas não é apenas isso a natureza do signo.

“A unidade lingüística é uma coisa dupla” (SAUSSURE, 1996, p. 79). Porém, segundo Saussure, a duplicidade está baseada em quatro diferenças, e não quatro termos definidos. Podemos observar que o quadro que traz a “visão proposta” por Saussure nos apresenta algo mais complexo.

Primeiro as unidades de Saussure não são significação e forma, que ele chama de “visão habitual”. As unidades que o professor trabalha não são positivas, nem mesmo é uma unidade convencional, mas cada uma das unidades que se opõe só existem pela diferença, e esta diferença, por sua vez, só existe em virtude das demais diferenças que lhe opõe. O professor continua a usar a oposição significação e forma, mas nos diz que a unidade está na “diferença geral das significações”, sob “a diferença geral das formas”,

sendo que cada unidade formada de “diferenças gerais” só existe “segundo a diferença” do seu oposto.

Assim, a diferença geral das significações está para “*uma* significação (relativa a uma forma)”, e a diferença geral das formas está para “*uma* forma (sempre relativa a uma significação)”. Podemos perceber a unidade lingüística de Saussure como relativa e diferencial.

A teoria do professor não estava no signo, pois esta teoria é bem anterior à Saussure, a “visão proposta” como nos diz o quadro na citação acima é explicada da seguinte forma:

Declaramos que expressões como A forma, A idéia; A forma e A idéia; O signo e A significação, são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua. Não existe *a* forma e uma idéia correspondente; não há *a* significação e um signo correspondente. Há formas e significações possíveis (nunca correspondentes); há, apenas, em realidade, *diferenças* de formas e *diferenças* de significações; por outro lado, cada uma dessas ordens de *diferenças* (por conseguinte, de coisas já negativas em si mesmas) só existe como diferenças graças à união com a outra (SAUSSURE, idem).

Devemos atentar para o fato de que ele altera a questão dos signos ao dizer que o significante e o significado *nunca* são correspondentes. O traço que separa a idéia da forma, para Saussure, não indica proporcionalidade, segundo ele, ela indica uma separação, um não corresponde ao outro, ela indica uma distinção de duas ordens diferentes. Nem mesmo o signo seria formado apenas de significante e significado, mas de relações de diferenças relativas, diferenças que só existem “graças à união” dessas diferenças “já negativas em si mesmas”. O que seguimos no ar não são signos como os pensadores estóicos formularam, mas valores.

A anatomia se confunde com a fisiologia, como nos advertiu Saussure. Ou seja, o signo só existe em funcionamento, enquanto valor, ele não teorizava sobre signos, mas sobre valores. Para o professor, só existem valores, signos são abstrações teóricas necessárias ao lingüista, pois permitem enxergar o que é puramente negativo de um ponto de vista positivo. Ou seja, permite dizer o que é a natureza da língua, “graças à união” de diferenças.

3. O AEROSTEIRO

Saussure nos diz ao comparar o signo a um balão no ar: “o *balão*, por sua vez, nada é. Ele é tudo para o aerosteiro, assim como o *sema* é tudo para o lingüista” (SAUSSURE in BOUQUET e ENGLER, 2002, p. 102-103). O aerosteiro é aquele que ama o balão no ar, que o espera voltar, mas é ele também que o coloca no ar. Saussure compara o trabalho do lingüista ao do aerosteiro, no sentido apenas de que ele o segue e o espera descer ao chão. Mas o que coloca o signo no ar?

Com certeza não é o lingüista, em sua função de lingüista. Lingüistas não fazem signos, não criam um sistema lingüístico, não dão vida a nenhuma língua, pois a vida da língua reside em outro lugar. A edição de 1916 nos diz sobre isso:

Quem cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre a sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle. O esperanto é um ensaio desse gênero; se triunfar, escapará à lei fatal? Passado o primeiro momento, a língua entrará muito provavelmente em sua vida semiológica; transmitir-se-á segundo leis que nada têm de comum com as de sua criação reflexiva, e não se poderá retroceder (SAUSSURE, 1996, p. 91).

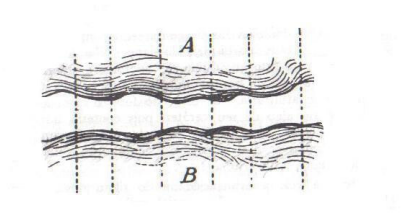
Chegamos assim à perturbadora pergunta: o que une estas quatro diferenças, o que faz o signo estar no ar?

Podemos começar a pensar em uma resposta por meio das seguintes palavras de Saussure:

Aqui, ao contrário, é muito crítico começar a falar da diversidade do signo *na* IDÉIA *una* em vez de falar de sua diversidade no *emprego uno* ou *significação una* []: porque isso é cair no erro de acreditar que haja, anteriormente estabelecidas, quaisquer categorias ideais em que aconteçam depois, secundariamente, os acidentes do signo (SAUSSURE, 2002, p. 51).

Essas palavras apresentam a idéia de não anterioridade do signo. Levam-nos a pensar que um signo só existe no momento de seu emprego, ou seja, apenas por meio de um sujeito que o emprega. Para Saussure é um erro acreditar que existam categorias ideais antes do signo, ou seja, eles são “acidentes”, só existem no momento em que se emprega. A cada momento, ao falar, um sujeito comente um “acidente”. Isso resulta num sistema cuja complexidade impede qualquer definição simplista do que seria o signo, pois ele só pode reavê-lo quando ele está em terra, ou seja, fora de seu uso, e nesse momento ele não existe, pois, ele se faz no momento do corte, e este corte não está no passado, mas é realizado a todo o momento que um signo é empregado. Isto nos

conduz a pensar numa não anterioridade total, nada antes do corte estabelecido nas massas amorfas que vemos na edição de 1916:



(SAUSSURE, 1996, p. 131).

Sobre este corte, que é realizado a todo o momento, podemos pensar que é a partir dele que o signo se constitui como quatro relações diferenciais, ou, “quatérnion final”, como Saussure escreve:

A primeira expressão da realidade seria dizer que a língua (ou seja, o sujeito falante) não percebe nem a idéia *a*, nem a forma *A*, mas apenas a relação *a/A*; essa expressão seria, ainda, completamente grosseira. Ela só percebe, na verdade, a relação entre as duas relações *a/AH* e *abc/A*, [...] . É isso que chamamos de QUATÉRNION FINAL e, considerando o quatro termos em suas relações: a tripla relação irreduzível. É, talvez, sem razão que renunciamos a reduzir essas três relações a uma só; mas nos parece que essa tentativa começaria a ultrapassar a competência do lingüista. [...] Observa-se que não há, portanto, nenhum ponto de partida nem qualquer ponto de referência fixo na língua (SAUSSURE in BOUQUET e ENGLER, 2002, p. 39, 40).

Quatérnion final nos alude a quatro tempos de um compasso. Na música, um compasso é feito de quatro tempos, ou seja, é necessário que existam quatro tempos para que se constitua um compasso. De modo semelhante, a relação do signo é feita de quatro, três para um, como observamos na visão proposta por Saussure no gráfico anteriormente colocado. Como na música, “a tripla relação irreduzível” resume-se a três elementos em oposição a um, que só existe em função das outras diferenças. Ou seja, uma forma existe na medida em que se pode perceber sua oposição à “diferença geral das significações” sob a “diferença geral das formas” e a podemos perceber como relativa a uma significação.

Essa relação fundada em quatro diferenças, negativas em si mesmas, é o que o professor chama de ‘realidade da língua’. Estas considerações estão em documentos escritos antes de 1900, porém, em notas preparatórias para os cursos de Lingüística Geral, posteriores a 1900, ainda podemos ver a mesma determinação do professor:

[...] eu não pretendo dizer que palavra seja estabelecida por

$$\frac{\text{idéia}}{\text{som}}$$

Ao dizer que a idéia é apenas um dos elementos, eu não quero dizer que eles sejam dois ao todo, por exemplo:

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{idéia a} \\ \text{som a} \end{array} \right\} \times \left\{ \begin{array}{l} \text{idéia b} \\ \text{som b} \end{array} \right\} \rightarrow \frac{A}{B}, \text{ etc.}$$

Seja qual for a sua natureza mais particular, a língua, como outros tipos de signos, é, antes de tudo, um *sistema de valores*, e é isso que estabelece seu lugar no fenômeno (SAUSSURE, 2002, p. 249,250, grifo do autor).

Esta definição acima citada nos leva a perceber que as unidades da língua não são signos, ela mesma é um signo, e um signo comporta quatro termos diferenciais, ou seja, um sistema de valores. O que podemos perceber na língua é sempre uma relação de quatro termos, ao seja, uma relação fundamentada em diferenças entre termos que não existem sozinhos, apenas existem por meio da diferença. Esta constatação nos conduz a observar a língua como um sistema de valores. Ele diz na primeira citação que renuncia reduzir o signo a apenas uma relação. Ou seja, o signo, do ponto de vista saussuriano, não é uma relação binária, mas uma relação quaternária de dois termos, esse não é um ponto de vista simples do signo e conseqüentemente da língua.

Isto nos explica porque a edição de 1916 nos diz que a língua é um sistema de signos, mas depois nos diz que a língua é um sistema de valores puros (SAUSSURE: 1996:130). A aparente mudança sem maiores explicações deve-se ao fato de que, para o professor as unidades empíricas da língua são valores, que teoricamente podem ser lidos como signos.

Ainda nos resta a questão do significante. É evidente que em todos os esquemas elaborados por Saussure e na edição de 1916, podemos ver o significado acima do significante, isto remeteria uma anterioridade das idéias sob as formas? Em uma nota de 1897, aproximadamente, Saussure nos diz:

Na mesma medida em que ouvimos, nós *falamos*. Sim, Senhores, sem dúvida, mas sempre a partir da impressão acústica, não apenas recebida, mas recebida em nosso espírito e soberana para decidir o que executamos. É ela que dirige tudo e basta considerá-la para saber que será executada, mas eu repito que isso é necessário para que haja aí uma determinada unidade a executar. (SAUSSURE, 2002, p. 211, 212, grifo do autor).

Esta relação, colocada no esquema acima por meio de cortes verticais é baseada nunca numa equivalência, mas numa desarmonia entre idéias e imagens acústicas, sobre isto Saussure nos ensina:

É a evidência absoluta, até mesmo a *priori*, de que não haverá jamais um único fragmento de língua que possa ter fundamento sobre alguma coisa, como princípio último, que não seja a sua não-coincidência, ou grau dessa não-coincidência, com o resto [...] esse grau é inteiramente igual a zero [...] a instituição linguagem [...] não provém, já na origem, de uma harmonia visível entre a idéia e o meio de expressão (SAUSSURE, 1996, p. 188)

O que definiria o corte então? O som, ou a impressão acústica não está ligada por um vínculo de complementaridade com o significado, a questão ainda reside no que conduz a essa união. A resposta talvez esteja nestas palavras escritas pelo professor:

Chama-se figura vocal que é determinada *para a consciência dos sujeitos falantes*. (A segunda menção é, na realidade, supérflua, porque *nada existe* além do que existe para a consciência; então, se uma figura vocal é determinada, ela o é imediatamente.) (SAUSSURE in BOUQUET e ENGLER, 2002, p.47, grifo do autor).

A questão sobre o que une o signo está centrada numa questão de qual é a relação do sujeito com os signos que ele fala. É significativo que o professor tenha usado a consciência dos sujeitos como pedra de toque, como prova final da existência desse balão, que “nada é”, se não há quem o coloque no ar. Talvez por isso, por fixar sua teoria na consciência do sujeito, que Saussure diga que “nos parece que essa tentativa começaria a ultrapassar a competência do lingüista” (SAUSSURE, 2002, p. 40).

UNDE EXORIAR?

Concluimos esta breve reflexão sobre as questões hoje levantadas sobre o sistema lingüístico saussuriano com a questão que o próprio Saussure se fez:

Unde exoriar?- É a essa questão pouco pretensiosa e, até mesmo, terrivelmente positiva e modesta que se pode colocar antes de tentar abordar, por algum ponto, a substância deslizante da língua. Se o que pretendo dizer a respeito disso é verdade, não há um único ponto de partida evidente (SAUSSURE in BOUQUET; ENGLER, 2002, p. 240).

Saussure responde a questão *unde exoriar* de um modo surpreendente para aqueles que leram a edição de 1916. Apesar de não haver um só ponto de apoio fixo na língua ou na linguagem, “nenhum ponto de partida evidente”, o professor se apóia na consciência dos sujeitos falantes para definir as unidades da língua. Claro que um sistema desse modo descrito só poderia conduzir o lingüista à busca de um “balão no ar”.

A língua como um sistema de valores negativos, é isso que Saussure nos aponta. Na verdade ele descreve um sistema que jamais poderia ser definido como fechado em si mesmo, pois a todo o momento há novos cortes nas massas amorfas, nada é preexistente, nada é positivo, pois só existe enquanto diferenças de negatividades.

Devemos parar um pouco para pensar. O signo é comparado a um balão no ar, mas “o *balão*, por sua vez, nada é” (SAUSSURE, 2002, p. 103), nos diz o professor; ou seja, o signo nada é sem que exista alguém que o perceba como realidade.

Essa língua fundada na não-coincidência entre significante e significados conduz a uma perplexidade diante de tamanha complexidade. Sobre esse sistema Saussure nos diz: “Mas esse sistema consiste em uma *diferença* confusa de idéias que se movem sobre a superfície de uma diferença [] de formas, sem que jamais, talvez, uma diferença da primeira ordem corresponda a uma diferença da segunda” (SAUSSURE in BOUQUET; ENGLER, 2002, p. 75, grifo do autor).

Saussure insiste nesta questão, o signo não é uma relação simples entre significante e significado, mas numa diferença, ou mais, em quatro termos diferentes, nunca coincidentes, ou correspondentes, que não existem antes, mas só depois de seu emprego, o signo reúne de modo positivo as diferenças, que são valores. Esses valores só existem baseados na consciência de sujeitos falantes, pois apenas percebem as diferenças, ou seja, só há consciência dos valores.

Isso coloca a questão do sujeito como aquele que percebe os valores, mudando a questão da dicotomia para a questão de um sistema dialético, extremamente complexo, “deslizante”, como nos ensina o professor, que permite perceber o sujeito no movimento desse sistema. As conseqüências dessas constatações não são calculáveis inicialmente. A primeira conseqüência, talvez, que se coloca diante de nós, é que um sistema baseado na percepção de sujeitos, que se forma a cada momento que se fala, não pode ser homogêneo ou parado. Um sistema assim não pode ser fechado, pronto e acabado, mas é um sistema plural, em constante movimento de mudanças e transformações que caminham lentamente dia-a-dia.

Longe de ser uma abstração, o professor fundamenta as unidades do sistema lingüístico na consciência dos sujeitos, ou seja, isto é o que dá permissão a falar de signos como um fato da realidade, para nós nada é mais concreto do que aquilo que podemos perceber.

Unde exoriar? De onde começar é uma questão extremamente difícil ao pensar nessa natureza intensamente relativa da língua. Essas rápidas considerações da reflexão do professor nos levam a colocar o sujeito como aquele que coloca o signo no ar, ou seja, lhe confere vida semiológica, e esta força vital, o ar em que o balão desliza – nos ensina Saussure – está na capacidade de ele ser transmitido.

Assim, concluímos com as palavras do professor em sua primeira conferência na Universidade de Genebra, em novembro de 1891: “O que é claro, como se repetiu mil vezes, é que o homem sem a linguagem seria, talvez, o *homem*, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos” (SAUSSURE, 2002, p. 128, grifo do autor).

REFERÊNCIAS:

1. BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. 9. ed. Tradução de Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
2. SAUSSURE. BOUQUET, Simon.; ENGLER, Rudolf (Orgs. e Eds.). *Escritos de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.
3. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini *et al.* 25a edição. São Paulo: Cultrix, 1996.

RESUMO: Este artigo discutirá a relação entre significante e significado a partir das notas escritas por Ferdinand de Saussure antes de 1900 e as notas preparatórias para os Cursos de Lingüística Geral. Verificaremos nesta relação como a idéia de valor apresenta um ponto de vista adequado para se abordar o sistema lingüístico conforme desenvolvido por Saussure e, conseqüentemente pensar a relação língua e sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: significante; significado; valor; sujeito.

ABSTRACT: This article will discuss the relation between signifier and signified based on the notes written by Saussure himself before 1900 and his preparatory notes for the courses on General Linguistics. We intend to verify how the idea of value can present an adequate point of

view to approach the linguistic system as developed by Saussure's ideas and, consequently, to think about the relation between language and subject.

KEYWORDS: signifier; signified; value; subject.